O EFEITO DIGITAL – MULTILOCALIDADE E MULTIVOCALIDADE EM UM ESTUDO SOBRE CARTOMANCIA

Ava Cruz (UFMG)

Resumo: Este artigo elabora uma reflexão metodológica sobre parte de minha pesquisa etnográfica, na qual busquei me debruçar sobre a prestação de serviços mágico-religiosos relativos à adivinhação oracular através da cartomancia, vivida por aqueles e aquelas que se auto nomeiam cartomantes, videntes, pais/mães de santo dentre uma multiplicidade de categorias equivalentes. Em função do contexto da pandemia de COVID 19, os métodos e as condições de realização da pesquisa tiveram que ser reformuladas, antes realizada presencialmente na cidade de Belo Horizonte, a pesquisa passou a valer-se de inserção virtual em grupos, fóruns e redes de especialistas online. Nesse novo contexto, analiso as diversas ordens de reverberações metodológicas e conceituais implicadas no âmbito virtual, sobretudo no que tange à abertura para a multivocalidade e multilocalidade enquanto princípios norteadores da pesquisa nesse novo cenário, as quais denomino de efeito digital.

Palavras-chave: Etnografia Virtual, Cartomancia, Oráculos.

1. Introdução

Neste texto, busco constituir um olhar retrospectivo inicial sobre minha jornada engendrada em campo, no qual objetivei me debruçar em torno da prestação de serviços mágico-religiosos, por agentes que se nomeiam oraculistas, cartomantes, videntes, assim como mães/pais de santo que vêm introduzindo o uso do Baralho Cigano no âmbito do culto aos ciganos no universo umbandista.

Tendo seu início na primeira metade de 2019, através de incursões a campo presenciais na cidade de Belo Horizonte, os métodos e as condições de realização da pesquisa se viram obrigados à reformulação, em função do contexto da pandemia de COVID-19, no qual passei a me valer mais substancialmente da inserção virtual em duas comunidades virtuais, uma delas localizada no Facebook, e a outra no Whatsapp. A primeira delas, “Baralho Cigano, Tarot, Oráculos e Feitiços” consta atualmente com 32,8 mil membros e se autodenomina como um grupo destinado a tarólogos, cartomantes e consulentes que buscam oferecer serviços gratuitos, divulgar seus trabalhos ou trocar conhecimentos acerca de práticas oraculares. A partir desse grupo maior, pude ter acesso a um menor no Whatsapp,

que consta atualmente com algo em torno de 50 membros, focado em Baralho Cigano, um tipo de oráculo mais popular entre praticantes de religiões de matriz afro-brasileira.

Proponho analisar a inserção em comunidades online como um ponto de inflexão, isto é, uma mudança de direção, o qual denomino aqui de *efeito digital*, que produz diversas reverberações metodológicas e conceituais nesse novo contexto. Essa questão se coloca como pertinente na medida em que, a passagem para o meio virtual fez emergir outros dilemas, dada a própria lógica de funcionamento desse campo.

Um dos objetivos centrais desse texto é explorar o modo como a dinâmica de inserção em comunidades virtuais possibilitou uma abertura para a multilocalidade e multivocalidade enquanto fundamentos da pesquisa etnográfica no ambiente digital.

2. Os primeiros passos

Quando se caminha pelos grandes centros urbanos no Brasil é comum ver, colados em postes ou muros, cartazes que prometem a resolução de problemas dos mais variados tipos. Os chamados "trabalhos" são rituais que se manifestam na forma de oferendas a entidades, como Exus, Zé Pilintras, Ciganos e Pomba-Giras, ainda que raramente isso apareça já nos cartazes, muitas vezes conjugados com oráculos e serviços de adivinhação. Voltam-se para a solução de problemas amorosos, de saúde, de inveja, de desemprego, conflitos jurídicos, dentre outros.

Assim, dei início a minha pesquisa tentando coletar, durante meus deslocamentos diários pela cidade, diversos números telefônicos contidos em panfletos e lambe-lambes referentes a serviços ligados à práticas adivinhatórias. Esse tipo de atuação profissional, tomada inicialmente por mim, de maneira generalizada, como sendo constituído por "cartomantes", na verdade, mostrou-se como sendo um campo de enorme diversidade interna, no qual floresce não apenas uma multiplicidade de autodenominações (videntes, mães/pais de santo, magistas, etc), mas também de práticas, no qual é possível observar um forte caráter inventivo e sincrético na execução de um "saber-fazer" próprio. (CHAVES, 2011, p.111)

As primeiras tentativas de contato com meus interlocutores, feitas no ano de 2019, se deram através de ligações, no qual relatei ser um estudante de Ciências Sociais que buscava entender melhor a trajetória pessoal de cartomantes em Belo Horizonte, perguntando se havia disponibilidade para marcarmos um encontro para conversar de maneira despretensiosa sobre seu exercício profissional. Foram feitas oito tentativas de contato que resultaram, todas elas, em negativas por parte dessas pessoas - todas elas mulheres-, ainda que diferenças razões

tenham sido apresentadas. Enquanto que algumas alegaram falta de tempo em virtude de terem muitos clientes para serem atendidos, outras alegaram trabalharem em terreiros e serem mães de santo, o que tornava, como me foi dito, as coisas “um pouco diferentes”, quando aleguei que poderia cobrir simbolicamente o valor da consulta para realizar a entrevista. Uma outra interlocutora com quem pude conversar via telefone, também mãe de santo, falou que se tratava de uma comunidade mais fechada e que não era qualquer pessoa que poderia entrar.

Essa experiência inicial de inserção via telefone se mostrou pouco frutífera, o que fez com que eu optasse por mudar a estratégia adotada, na busca por construir relações com meus interlocutores mais pessoalizadas, as quais somente ligações pareciam não dar conta.

A partir da indicação de uma colega do curso de Ciências Sociais na UFMG, fui informado da existência de uma loja de artigos religiosos, localizada na região central de Belo Horizonte, que realizava consultas oraculares de graça. Por essa razão, optei por tentar um contato físico inicial nessa loja, a fim de avaliar perspectivas futuras de como proceder no campo. Nesse meio tempo, busquei também ligar para outras cartomantes a partir de uma outra abordagem, assumindo um lugar de vocalidade de um cliente interessado em saber mais sobre os serviços ofertados.



Figura 1 - Anúncio de serviços mágico-religiosos
Fonte:Foto autoral tirada na Zona Leste de Belo Horizonte em 2019



Figura 2 - Anúncio de serviços mágico-religiosos
Fonte: Foto autoral tirada na Zona Sul de Belo Horizonte em 2019



Figura 3 - Anúncio de serviços mágico-religiosos
Fonte: Foto autoral tirada na Zona Leste de Belo Horizonte em 2019

Uma cartomante em específico, doravante denominada de M., captou minha atenção na sua fala. Primeiramente, perguntei sobre qual era o processo de realização de um trabalho e quais eram seus tipos. M. relatou que havia vários tipos de trabalhos possíveis de serem feitos, entre os quais, aqueles voltados para o amor, para a vida sexual, para cura e também para questões judiciais. Interessado em saber mais sobre os trabalhos de amor especificamente, a questionei em relação a como se dava a sua realização. Diante da pergunta, a profissional relatou que, anteriormente à execução de um trabalho, era necessário fazer uma consulta aos oráculos, para se discutir se a amarração se mostrava apropriada para a situação específica e que seus trabalhos eram realizados na presença do consulente.

Alguns dias após essa conversa por telefone, fui à loja de artigos religiosos que me foi indicada, na busca por uma consulta gratuita. Ao chegar lá, fui informado de que as leituras não iriam ser realizadas no dia em questão, pois o pai de santo que as realizava não se encontrava presente. Com isso, optei por contatar M. novamente, em busca de uma consulta, de forma que combinamos um horário para que ela pudesse me encontrar em sua casa.

Ao chegar em seu apartamento, pude perceber que as consultas se realizavam em um espaço específico da casa. Na ocasião, me encontrava na companhia de uma amiga, chamada Ana, que era minha dupla de pesquisa em torno dessa temática para a disciplina de Metodologia 3, focada em trabalho de campo e pesquisa qualitativa. Enquanto esperávamos a

consulta, M. relatou um caso que envolvia uma consulente e sua cachorra, no qual enquanto M. ia para a cozinha, percebeu que sua cachorra chorava e concluiu que a consulente havia chutado seu cachorro. Constatando tal situação, M. se recusou a atender a cliente, ainda que esta tenha insistido em pagar uma quantia a mais.

Após esse relato, fui chamado à consulta e perguntei se minha amiga Ana poderia me acompanhar. M. disse que isso não poderia ocorrer porque "Eles" preferiam que não. Ainda que em dúvida sobre quem especificamente seriam eles, quais entidades com quem ela trabalhava, resolvi não a questionar e ficamos a sós na sala.

Nessa sala, havia uma mesa larga com várias estátuas de santos católicos e também de entidades de religiões afro-brasileiras, como caboclos e São Jorge. Havia também um quadro da deusa hindu Shiva suspenso na parede. No centro da mesa, pude observar um jogo de búzios, assim como um baralho de cartas, uma vela acesa e um copo com água. Ao fundo da sala, havia duas grandes velas que, como M. veio a me dizer posteriormente, queimavam por 90 dias e eram provenientes da Bahia. A cartomante, além disso, havia colocado um jaleco branco de mangas curtas e também se encontrava com guias de contas.

Quando questionado se queria uma leitura de tarot ou de búzios, respondi que gostaria que fosse realizada uma leitura oracular com as cartas. M., então, fez algumas perguntas iniciais como qual era meu signo, onde eu morava, qual era meu estado civil e minha data de nascimento. Após, inicialmente, jogar os búzios, a cartomante relatou que meu orixá de cabeça era Oxalá e que ele era muito antigo, uma espécie de eremita.

Em seguida, começamos propriamente a leitura das cartas, no qual me foi pedido para que cortasse as cartas, de tal forma que elas se dividissem em três montes. Através deles, as cartas foram distribuídas em uma disposição específica, em formato de cruz, cada qual relativa a um aspecto específico, como coração, cabeça, etc.

De maneira geral, a leitura ocorreu de maneira extremamente densa, com uma série de informações. Inicialmente, M. pediu que eu não a interrompesse, com exceção dos casos em que eu não havia entendido alguma coisa dita por ela. Quando entramos na temática do amor, ela perguntou se eu tinha alguém na minha vida naquele momento. Acabei me abrindo e relatando que sentia que minha vida amorosa se encontrava meio estagnada. A cartomante, então, respondeu que minha linha do amor se encontrava cortada e que isso fazia com que todas as minhas tentativas de desenvolvimento de uma relação acabassem por não dar certo. Como resposta a uma de suas perguntas, relatei também que já havia namorado, mas que fazia cerca de dois anos que me encontrava solteiro.

Em seguida, passamos para outra temática, ligada à espiritualidade, quando a questionei acerca desse aspecto na minha vida pessoal, relatando que queria desenvolvê-la mais. No que tange à essa questão, M. me disse que não precisaria fazê-la dentro de um terreiro ou centro, uma vez que isso iria me exigir muito tempo de dedicação, tempo este que eu deveria investir na minha carreira e nos meus estudos. Enquanto conversávamos sobre espiritualidade, M. relatou que já tentou se afastar da sua religião, na qual atua desde os oito anos de idade, e que tinha sido iniciada por uma mãe de santo na Bahia. Contudo, ainda que reconhecesse que seu ofício lhe trazia muitas responsabilidades e também desgastes, a cartomante via que esse era seu lugar e que morreria caso se afastasse.

Chegando ao final da leitura, M. me disse que, se eu confiasse nela, poderia atuar sobre minha situação. Perguntei se era o caso de fazer algum trabalho de amor ou realizar um banho de ervas, o que ela negou. Lembro-me também da cartomante relatar que ela não traz amor de volta em três dias, retomando uma frase muito comum de ser vista nos lambes pregados nas ruas. Como alternativa a minha situação, era necessário acender duas velas de 90 dias, cada uma em uma extremidade do quarto. Também me foi orientado a acender uma vela de sete dias numa sexta-feira, dia que associei ao fato dela ter visto nos búzios minha filiação à Oxalá, e que fosse escrita uma prece, pedindo por sucesso no âmbito profissional e emocional, colocando-a em um lugar acima da minha cabeça. Por fim, após o final da consulta, também foi recomendado tomar um banho de cachoeira com uma roupa velha e rasgá-la sob a queda d'água.

3. Repensando os caminhos da pesquisa

Retornando a um segundo momento da minha pesquisa de campo, já durante o ano de 2020, objetivei dar ensejo a uma combinação mista de etnografia virtual e incursão a campo presencialmente na busca por compreender as práticas sociais e sistemas de significados relacionados às práticas mágico-religiosas de cartomancia.

Segundo Kozinets (2010) no que se refere às possibilidades de pesquisa no ambiente virtual, elas podem ser diferenciadas entre "pesquisas de comunidade online" e "pesquisas online de comunidades". As pesquisas de comunidade online possuem um enfoque sobre os espaços virtuais em específico, como grupos e fóruns de discussão. Por outro lado, as "pesquisas online de comunidades", da qual me utilizo no presente trabalho, buscam analisar um fenômeno social cuja existência vai além das interações online e da internet, mas que se

utiliza dessas como um espaço focal para se pensá-lo, partindo-se da ideia de que existe algum tipo de correlação entre esses mundos sociais.

No que se refere à introdução do elemento da etnografia em ambientes virtuais, também conhecida como etnografia virtual ou netnografia, nesse novo momento da pesquisa, tal escolha se justificou por duas questões: a primeira de cunho conjuntural, em função da pandemia de Covid-19, que colocou a necessidade de se repensar modelos de se produzir pesquisa de campo na contemporaneidade. Essa escolha se deve também devido a uma especificidade do próprio campo. Pude perceber, através da minha inserção em grupos online, uma grande inclusão dos interlocutores com quem minha pesquisa buscava dialogar dentro dos meios virtuais, que se utilizam dessas plataformas não apenas como uma ferramenta de divulgação dos seus serviços mágico-religiosos, mas também como um espaço de execução de leituras oraculares em si mesmo. Adicionalmente, a inserção em grupos de discussão aparece também como um espaço para interessados no assunto, de maneira geral, aprimorarem seus conhecimentos e promover trocas de saberes.

De modo a tornar isso mais evidente, buscarei, por fim, relatar mais substancialmente como se deu a minha inserção em uma comunidade virtual localizada na plataforma Facebook, denominada de "Tarólogos & Cartomantes, Tiragens, Pitacos e Consultas", a qual venho acompanhando etnograficamente há cerca de três meses. Na busca por refletir acerca das ordens de reverberações metodológicas e conceituais implicadas nesse novo contexto, pretendo narrar um pouco mais sobre meu processo de inserção na comunidade virtual e como, através dela, novas questões metodológicas e conceituais foram colocadas.

4. Adentrando o Virtual

Para dar continuidade a minha pesquisa, resolvi utilizar o Facebook como plataforma nesse novo contexto que me foi colocado. Essa escolha se deve à grande quantidade de grupos de discussão que existem neste site, no qual uma gama variável de assuntos reúne pessoas interessadas em discuti-los a partir da lógica de formação de redes e fóruns de discussão. Uma vez inserido dentro de um grupo, os usuários podem criar tópicos ou participar daqueles já existentes através de comentários, assim como opinar em enquetes e ver lives transmitidas especificamente dentro do grupo.

Qualquer usuário no Facebook pode criar um grupo, tendo liberdade para definir se estas comunidades irão ser abertas (a entrada não depende de aprovação do dono) ou restritas (entrada mediante aprovação). Além do dono, há a possibilidade também de serem escolhidos

moderadores, os quais dividem com ele a função de gerenciar a comunidade: podem apagar tópicos, aprovar ou excluir membros.

A partir de uma busca rápida em torno de palavras como “tarot”, “cartomantes” e “oráculos”, pude ter acesso a uma ampla lista de grupos que tematizam essa questão. Contudo, diante dessa miríade de opções, optei por solicitar a permissão para a entrada no grupo “Baralho Cigano, Tarot, Oráculos e Feitiços” que consta atualmente com 32,8 mil membros e se autodenomina como um grupo destinado a tarólogos, cartomantes e consulentes que buscam oferecer serviços gratuitos, divulgar seus trabalhos ou trocar conhecimentos acerca de práticas oraculares. Essa escolha se justifica não apenas pelo seu número de membros- trata-se de um dos grupos com maior quantidade de usuários entre os quais tive acesso -, mas também pelos próprios objetivos declarados do grupo, no qual foca-se na perspectiva de compartilhamento de conhecimentos e promoção de estudos no âmbito das leituras oraculares e feitiços.

A partir desse grupo maior, pude ter acesso, através de um post de um usuário, a um grupo menor no *Whatsapp*, que consta atualmente com algo em torno de 50 membros, focado em Baralho Cigano, um tipo de oráculo específico mais popular entre praticantes de religiões afro-brasileiras, ainda que isto não seja uma regra geral.

Ao solicitar minha entrada no grupo, que possui caráter fechado, tive que preencher um questionário rápido, no qual constavam algumas perguntas, como por exemplo, quais eram minhas intenções em participar da comunidade, assim como tive que dar um *“check*” para regras básicas do grupo. Após receber a confirmação do aceite, busquei descobrir quais eram os moderadores e administradores do grupo, informação facilmente obtida na aba “Membros do grupo”.

A primeira pessoa com quem tive contato foi uma das moderadoras do grupo, que é também uma das integrantes mais ativas, responsável por produzir conteúdos semanalmente relacionados ao estudo de Baralho Cigano na forma de lives. Meu objetivo era ser aberto com ela em torno das minhas intenções em relação a etnografar o grupo, de modo que lhe relatei ser estudante da graduação em Ciências Sociais e também um profissional que realiza leituras oraculares. Também perguntei se estava de acordo com as normas do grupo fazer um post perguntando se alguém teria interesse de voluntariamente participar de uma entrevista via ligação de voz. Sua resposta foi positiva, dizendo que isso poderia ser feito, ainda que fosse necessário fazer um poster e postá-lo em uma segunda-feira, especificamente, tendo em vista que os outros dias estavam relegados exclusivamente aos estudos dos oráculos.

Com o aprofundamento do meu contato com os fóruns virtuais, novas questões de pesquisa começaram a emergir a partir do questionamento ativo dos próprios interlocutores nesses espaços em torno dos procedimentos oraculares. Em um post do dia 27 de outubro de 2020, por exemplo, um membro do grupo perguntou se deveria cobrar pelas leituras ou se elas deveriam ser feitas por caridade. Esse questionamento perpassa muito das questões para aqueles que estão começando sua jornada de leitura oracular e pude perceber a incidência dessa indagação através de outros posts. Também pude perceber que, entre aqueles praticantes da doutrina umbandista, esta indagação também é comum, uma vez que tendo como um de seus fundamentos a caridade, muitos se perguntam por que motivo, então, as leituras são cobradas. Dessa forma, pude construir um problema de pesquisa buscando compreender os sentidos que o dinheiro assume nessas trocas, por exemplo, partindo da própria inquietação dos meus interlocutores frente a esses significados que não estão dados.

Acredito que a experiência de campo supracitada se mostrou extremamente frutífera para se refletir sobre as ordens de reverberação colocadas pela imersão etnográfica no mundo digital dentro das suas potencialidades e também novos dilemas, como buscarei examinar adiante.

5. O Efeito digital e suas ordens de reverberação

A inserção em comunidades online representou um ponto de inflexão, isto é, uma mudança de direção, o qual denomino aqui de *efeito digital*, que produziu diversas reverberações teórico-metodológicas nesse novo contexto. De maneira sistemática, é possível dizer que o efeito digital, essa inserção do campo na virtualidade, representou uma dupla transformação no tocante às práticas epistemológicas que transformam os procedimentos de conhecer em uma etnografia pelos antropólogos e os modos de aprender ligados às práticas oraculares no contexto digital pelos cartomantes.

As noções de multilocalidade e multivocalidade são tomadas por mim como balizadoras deste processo em ambos os casos. Por parte do etnólogo, o efeito digital pode ser entendido como uma abertura para a multilocalidade e multivocalidade como princípios balizadores da pesquisa no ambiente digital, uma vez que o grupo “Tarólogos & Cartomantes, Tiragens, Pitacos e Consultas” pode ser pensado como um lugar em si mesmo, ao mesmo tempo em que tenciona narrativas de pessoas multilocalizadas globalmente. Os agentes,

assim, transitam de modo a incorporar práticas e elementos da performance oracular discutidos nos grupos no contexto das suas práticas profissionais fora do âmbito virtual.

Em um processo codependente, a entrada no âmbito virtual pode ser entendida como uma abertura multivocal tanto para mim, no lugar de etnógrafo, quanto para aqueles membros que formam a rede do grupo de cartomantes. No caso específico da inserção em contextos de etnografia virtual, a própria lógica de funcionamento do grupo nas redes virtuais parece favorecer a apreensão da multivocalidade nos fluxos por meio do qual se dão as interações nesse espaço. Como parte de uma dinâmica organizacional do grupo, as interações a partir da proposição de tópicos e a busca por opiniões distintas, os "pitacos", permitem que, no exercício descritivo, múltiplas facetas em torno de um mesmo assunto possam ser analisadas.

Não obstante esse aspecto organizacional colocado pela dinâmica de funcionamento das redes sociais, penso que um ponto mais interessante de ser ressaltado é que a multivocalidade, enquanto um princípio de produção de conhecimento acadêmico, pode ser colocada sob o escrutínio dos regimes de saber que constituem a cartomancia e outras práticas macumbeiras no Brasil, no que tange à noção de encruzilhada como um princípio epistemológico que constitui o saber-fazer mágico-religioso.

No contexto do grupo, os pitacos são os posts que mais movimentam interações cotidianamente, no qual os cartomantes buscam compartilhar suas tiragens e, a partir da perspectiva de outros profissionais, ampliar o sentido da leitura ao compartilhar diversas perspectivas em torno dela. Emana daí um procedimento de produção de conhecimento mágico-religioso que se estabelece na encruza entre diversas noções de verdade em torno de uma mesma leitura oracular.

A metáfora dos caminhos e das encruzilhadas são maneiras recorrentemente utilizadas por cartomantes para expressar os resultados colocados pelos oráculos nas leituras. Entende-se que os cartomantes devem orientar a situação para que o consulente tome um direcionamento melhor, a fim de que as coisas possam fluir na vida dele, para prosseguir adiante nos seus caminhos. Fortemente presente no vocabulário macumbeiro no Brasil, a metáfora dos caminhos e das encruzas aponta para Exu como um fundamento orixá-entidade-princípio balizador de uma série de práticas de encantaria no contexto da matriz de saberes que forjam um saber macumbeiro: ebós, transes, oráculos, rodas de gira, etc.

Por parte dos praticantes, o efeito digital permite que corpos multilocalizados emitam suas versões em torno das leituras oraculares produzindo um tipo de verdade oracular multivocalizada e entrecruzada. Por esse mesmo motivo, da configuração tal do ambiente

virtual, o efeito digital afeta igualmente as práticas oraculares na produção de um tipo de conhecimento mágico-religioso.

Por fim, ao engendrar eu mesmo ao final do artigo um procedimento de cruzo entre metodologia e práticas mágico-religiosas, a multivocalidade pode ser posta, de maneira transdisciplinar, sob a perspectiva da epistemologia das macumbas, gerando novas e criativas categorias de abordagem frente aos problemas de pesquisa analisados. Multivocalidade, no contexto etnográfico analisado, só faz sentido se pensada sob a forma de encruzilhada. É no amarro dessas duas trajetórias que se busca construir a possibilidade de um saber pluriversal. Essa forma é a base da construção das formas de aprender um saber-fazer ligado às práticas mágico-religiosas no tocante à cartomancia dentro de grupos onlines e pode dar indícios ao etnógrafo da força relativa à maneira como categorias nativas podem afetar os regimes de conhecimento acadêmico, produzindo novas perspectivas, na medida em que nos afeta e altera por aquilo que é próprio delas (RUFINO & SIMAS, 2018, p.33)

5.1. A transposição do método etnográfico para contextos virtuais

As discussões em torno da aplicação do método etnográfico no mundo digital podem ser localizadas dentro de movimentos histórico-epistêmicos que são dados no direcionamento da Antropologia para reescrever os novos campos emergentes, a partir da insurgência das novas tecnologias digitais, os fenômenos da globalização e os processos de desterritorialização contemporâneos. Através delas, novas lógicas e práticas de análise para interpretação de dados se mostram como necessárias, a fim de corroborar com as novas dinâmicas de interação que são colocadas no campo.

A internet surge como um frutífero meio de comunicação interpessoal e constituição de redes que passa a ser visada aos olhares antropológicos, a partir do momento em que as técnicas de pesquisa etnográfica passam por um escrutínio de que também poderiam ser utilizadas para o estudo das culturas e comunidades online. Essas conformações sociais poderiam ser derivadas de grupos sociais já constituídos na condição offline e que transitam entre esses âmbitos, ou mesmo compostas por membros engajados apenas em relações online.

Entretanto, a transposição do método etnográfico, a partir dos anos 1990, para contextos virtuais gerou inúmeros debates. Muitos antropólogos e cientistas sociais mais ortodoxos não aceitaram a proposição, como afirma Kozinets (2010), principalmente em função de uma reconfiguração posta pela nova dinâmica das relações virtuais em algumas das principais características da etnografia e do fazer etnográfico. Para esses autores, questões

centrais postas pela etnografia, como o deslocamento, o estranhamento e o "ir a campo", tão decisivos na formação do olhar etnográfico, pareciam ter se esvaído frente a uma nova conformação espaço-temporal colocada pelas redes virtuais.

Como um de seus princípios fundantes, a proposta de uma antropologia digital tem como um de seus axiomas a concepção de que não existiria uma realidade mais autêntica no âmbito pré-digital. Embora algumas perspectivas teóricas apontem para um certo saudosismo para certas formas de sociabilidades, tomadas como mais autênticas ou mais naturais, por serem consideradas menos mediadas, autores como Miller (2012) divergem dessa posição, uma vez que concebem a própria digitalidade como um espaço frutífero de reflexão acerca do humano. Penso que, da mesma maneira, não haveria tampouco um tipo de prática etnográfica mais autêntica do que outras, ainda que seja importante considerar que ordens de reverberações metodológicas e conceituais distintas podem estar implicadas na inserção dentro de contextos virtuais.

Sendo assim, desprezar as possibilidades frutíferas de mapeamento e produção de conhecimento a partir do método etnográfico em contextos virtuais, significa também subestimar a própria capacidade de reinvenção do método enquanto uma ferramenta de produção de saber em torno dos fenômenos culturais que, contemporaneamente, encontram na digitalidade do mundo um de seus pilares em múltiplas esferas das relações sociais.

Na etnografia clássica, proposta por Malinowski (1978), os livros, informantes e percursos terrestres são tidos como condição para os contatos preliminares no início da pesquisa e, no entanto, na esfera atual das relações no âmbito digital, esses contatos são muito mais bem representados a partir de ícones em telas mediados por redes virtuais. Portanto, é sob uma outra lógica de inserção que se pauta o estudo de redes online, muito mais atrelada a sites de busca e a redes sociais, correspondendo ao lugar onde se inicia a inserção nas etnografias virtuais.

No que tange à inserção em redes digitais, é possível observar que a extensão do método no âmbito da virtualidade das relações online não corrompe a produção do conhecimento etnográfico, mas, pelo contrário, reatualiza seus fundamentos dentro de novas condições, já que a observação e o contato se preservam como a base do seu exercício.

Além disso, uma consequência colocada pela mediação com o mundo digital importante de ser mencionada é a maior facilidade de se produzir registros e recortes no âmbito da pesquisa, que podem ser salvos em pastas digitais para posteriores análises sobre as articulações, proporções e relações dos fenômenos sociais analisados. Nesse aspecto, a internet atua como um grande arquivo vivo, de caráter dinâmico, constantemente em mutação

em função da atuação dos agentes sociais, no qual certas interações sociais são salvas e passíveis de serem revisitadas pelo etnógrafo a qualquer momento.

Penso também que outra reverberação conceitual e metodológica colocada pela inserção no âmbito virtual diz respeito à mudança na maneira como desenvolvi o olhar antropológico frente ao campo. Anteriormente à minha inserção nos grupos de Facebook, a produção das perguntas de pesquisa partia muito mais de uma interpelação por minha parte frente às questões que me inquietavam e que emergiram da experiência de campo. Nesses contextos, diante do principal problema que era a inserção, o meu lugar de vocalidade assumido partia, em geral, ou da figura do cliente ou da figura do estudante acadêmico.

Por outro lado, quando dei início à etnografia em contextos virtuais, pude partir dos próprios dilemas colocados pelos meus interlocutores nos grupos como um problema de pesquisa. Diante de uma inquietação das pessoas com quem meu campo buscava dialogar, expressa na forma de dúvidas, construíram-se espaços de discussão extremamente frutíferos para a prática etnográfica, constituídos pela troca de conhecimento entre profissionais que detinham experiência na área e iniciantes que desejavam aprender mais sobre as práticas mágico-religiosas. Dessa maneira, pude construir um problema de pesquisa buscando compreender, por exemplo, os sentidos que o dinheiro assume nessas trocas, partindo da própria inquietação dos meus interlocutores frente a esses significados.

Mesmo quando aqueles indivíduos com anos de experiência dentro das práticas mágico-religiosas divergiam em termos de posição, não havia muito um interesse em extrair uma verdade absoluta, por exemplo, frente a uma leitura oracular, mas de apresentar múltiplas perspectivas diante do cenário colocado. Penso que isto está ligado ao próprio caráter inventivo da sua profissão que não está relacionado, necessariamente, à adesão literal e totalizante dos preceitos de uma tradição religiosa, mas que dentro de um ato criativo e pessoalizado, incorpora elementos distintos de uma experiência com o sagrado fluida, na construção da sua religiosidade e de um "saber-fazer" próprio.

5.2. A espacialidade reconfigurada: Multilocalidade no contexto virtual

Uma outra especificidade colocada pelo investimento em conexões online importante de ser mencionada é que a própria geografia da pesquisa teve que ser repensada, a partir de uma abertura para a multilocalidade enquanto uma opção metodológica, investida de questionamentos de fundo epistemológico. Se antes a pesquisa partia de um recorte espacial muito bem definido, representado pela região metropolitana de Belo Horizonte, uma outra

dimensão da pesquisa foi posta com minha entrada no grupo virtual. Tratando-se de uma comunidade com mais de 30 mil membros, uma outra espacialidade emergiu da possibilidade de contato virtual, representada pela virtualidade do grupo. Passei a lidar, portanto, com um espaço não-cartesiano, no caso, digital. A solução então foi delimitar uma rede, como campo, o que equivale a assumir os aplicativos como "sites de campo" (BURRELL, 2009).

Dessa forma, me vi obrigado a questionar um dos pressupostos fundantes da etnografia modernista que é a questão da localidade e a reflexão em torno do "lugar". Tomando o espaço virtual como um lugar em si mesmo, a inserção do campo no âmbito virtual não teria levado, portanto, a multilocalidade como um horizonte buscado pela pesquisa? Levando-se em conta que a internet é, atualmente, uma importante ferramenta de aprendizado,troca e exercício profissional no contexto da cartomancia, a multilocalidade inscrita na combinação de etnografia virtual e incursões a campo presenciais não teria produzido ordens de reverberação interessantes?

A antropologia moderna, inaugurada através de Malinowski, tinha como um de seus fundamentos a concepção de que a prática antropológica pressupunha a delimitação de um lugar específico, no qual vigorava uma concepção de espaço que privilegiava a análise das relações estabelecidas no interior de fronteiras bem delimitadas. É a partir dos relatos de viajantes, mas também contra estes que a etnografia modernista emerge enquanto uma forma de escrita, sendo a multilocalidade um dos elementos rejeitados por Malinowski na constituição do método etnográfico. Muitas vezes pensado como uma ilha - como é o clássico caso de seu livro mais famoso - ou como o espaço social de uma "etnia", a demarcação de uma locus delimitado de pesquisa criava uma ideia de "dentro" e "fora". Esse entendimento em torno dos lugares antropológicos levou, contudo, à subvalorização das relações que permeiam esses sistemas no que tange ao seu contato com um exterior ficcionalmente delimitado.

Contemporaneamente, contudo, as fronteiras ligadas ao juízo de um espaço de dentro e um espaço de fora que constitui o lugar antropológico tem sido cada vez mais questionadas devido ao seu aspecto volátil. Ainda que possamos afirmar que alguns fenômenos sociais possuem uma expressão local, podendo ser analisados a partir de um ponto de vista que dá enfoque sob os limites internos de um lugar, é inegável que, em muitos casos, uma abordagem que parte do estudo de múltiplas relações que o lugar estabelece com o exterior pode ser igualmente frutífera. Dessa forma, encontramo-nos diante de sociedades complexas que solicitam novas, criativas e combinadas formas de abordagem para sua compreensão.

A problemática do lugar (“speaking from”/”speaking for”) tem se adensado no âmbito das discussões antropológicas contemporâneas (Appadurai, 1988), paralelamente à reflexão crítica em torno da vocalidade (SPIVAK, 2010) - ”speaking for/ speaking of”, principalmente em função do fenômeno da globalização, da desterritorialização dos fenômenos culturais e da ressonância de discursos de corpos marginalizados. As próprias transformações culturais observadas no âmbito das etnografias contemporâneas levaram à necessidade de se repensar as estratégias metodológicas e os pressupostos epistemológicos, de modo a pôr em debate a noção de lugar.

Frente a essa problemática, a noção de multilocalidade tem sido apresentada por diversos autores como uma categoria conceitual crítica ao estudo do lugar como fundamento da etnografia moderna. Da mesma forma, tem privilegiado a fronteira como um espaço de análise e reflexão conceitual, por consistir menos em uma linha que delimita espaços estáveis, dentro/fora, mas um locus fraturado, intermédio e de caráter poroso, que pode ser expressa, por exemplo, em bairros de imigrantes, aeroportos, etc. Segundo Appadurai, esse movimento contemporâneo tensiona a noção de “étnico” que dá base à escrita etnográfica modernista, uma vez que os lugares na antropologia clássica têm sido equacionados como locais etnográficos.

O espaço digital tensiona, de maneira análoga, como pude observar dentro de minhas incursões a campo em comunidades virtuais, a ideia de lugar e o “estar lá” como fundamento da prática etnográfica. Tive a oportunidade de experienciar, através do grupo de cartomantes, leituras oraculares que não necessitam de uma presença física para que sejam realizadas, propiciadas pelos *efeitos de presença* que a digitalidade viabiliza . Nesses contextos, a distância física não parece ir de encontro com a efetividade do oráculo na execução das leituras através da cartomancia. Pelo contrário, outros mecanismos ligados ao saber-fazer em torno dessas práticas buscam construir vínculos relacionais entre cartomante e consulente, para além das distâncias físicas, como buscarei argumentar etnograficamente.

**

No dia vinte de abril de 2021, realizei uma consulta online com uma cartomante de nome Chantal, pessoa com quem já venho construindo um diálogo em relação a pesquisa que conduzo. Tive contato com ela através de uma indicação de conhecidos, no qual consegui realizar uma entrevista com a mesma via Zoom.

A leitura foi realizada virtualmente via chamada de vídeo no whatsapp, posteriormente a essa entrevista concedida pela interlocutora. Quando entrei na call, pude ver que a sua mesa de leitura já estava toda preparada. Chantal havia estendido um pano no chão

que impedia que as cartas tivessem contato direto com o mesmo. Seus pés estavam descalços e ela se encontrava usando um pano branco na cabeça, roupas largas com estampas floridas, assim como alguns acessórios dourados em seus braços.

Ao lado do pano onde realizaria a leitura, havia também dois trabalhos realizados por ela, essenciais na condução da leitura oracular na medida em que produziam uma conexão entre o momento da leitura e as entidades com as quais ela trabalhava. Em um desses trabalhos, fotografados abaixo, havia um alguidar que, no seu interior, continha uma combinação de ervas, especificamente capim santo, rosa, cravo e canela, um copo de água e uma vela amarela. Já no outro trabalho, havia mel com aguardente, uma vela e um defumador. Quando lhe perguntei acerca da necessidade dos trabalhos para a realização das leituras, Chantal me disse que quando monta a sua mesa, sempre busca trabalhar com os quatro elementos da natureza simbolicamente através dos materiais que utiliza. Nesse aspecto, cada elemento presente no trabalho que havia realizado simbolizava um desses elementos: Água - Copo d'água;Terra - As ervas; Fogo - A vela; Ar - defumadores e Incensos.



Figura 4: procedimentos de abertura de mesa oracular
Fonte: Foto autoral disponibilizada pela cartomante tirada durante a leitura com Baralho Cigano

Para Chantal, a presença dos quatro elementos é também um mecanismo de proteção em relação à energia vibracional que circula durante a leitura. Busca fazer com que o cartomante se encontre protegido em relação à possíveis energias negativas as quais um consulente pode vir a trazer no momento da realização da leitura.

Para a realização das leituras, Chantal usava um baralho de cartas similar a esses utilizados para jogos de baralho, com a diferença de que tinha como temática ser um baralho de Maria Padilha, uma das entidades associadas à leitura de baralho cigano. Era um baralho novo, conforme ela havia me falado, que estava sendo utilizado pela primeira vez comigo. Antes da sua utilização no momento da leitura, ela havia realizado uma consagração do baralho em uma cachoeira no Maranhão, estado onde se encontrava no momento da leitura. Quando demos início à leitura, algumas perguntas iniciais me foram feitas, como meu nome completo, minha data de nascimento, nome completo da minha mãe, data de nascimento dos meus pais e se eu possuía irmãos.

O nome completo e a data de nascimento é, comumente, entendido como o endereço astral das pessoas com quem se busca contatar na leitura. Em outras leituras oraculares que realizei valendo-me do baralho cigano, o endereçamento astral que possibilita a criação do vínculo entre oráculo, cartomante e consulente se deu de maneira análoga.

Após essas perguntas, demos início a leitura em si, no qual havíamos estipulado a realização de uma mesa real. A mesa real, também conhecida como Grand Tableau, é um método de tiragem de cartas considerado mais complexo, na medida em que, através dele, é possível ver de maneira mais abrangente a vida da/do consulente em diversos âmbitos da sua vida: trabalho, amor, saúde. Por ser um tipo de jogo mais complexo, o método de tiragem da mesa real é mais utilizado por aqueles cartomantes que já possuem mais familiaridade com as cartas e um conhecimento mais avançado em torno dos seus significados, na medida em que nele se utiliza todas as 36 que compõem o baralho cigano. Sua tiragem é frequentemente comparada a um “livro da vida” do consulente, dentro de uma temporalidade de aproximadamente três a seis meses. A organização das cartas varia, algumas mesas reais são feitas sob a lógica 4x8 (coluna x linhas) + quatro cartas finais conclusivas, outras são organizadas de maneira 5x9 (coluna x linhas).

Sem a pretensão de me ater ao conteúdo da leitura em questão, no qual tratamos de questões pessoais relativas a minha vida, a situação descrita etnograficamente possibilitou um entendimento melhor não apenas dos procedimentos de preparo da mesa oracular, mas também os mecanismos relacionais que possibilitam a execução das leituras aquém da presença física, embasadores de um efeito de presença.

**

A multilocalidade foi pensada enquanto um conceito norteador de um mundo transformado pela globalização e pela desterritorialização dos fenômenos culturais. Vivemos em um contexto cultural no qual certos grupos não mais se encontram amarrados a certos territórios ou áreas particulares. Impera-se uma dinâmica de fluxo global no qual as definições identitárias não estão ligadas unicamente ao lugar de residência onde vivem, mas também em relação com outros lugares muitas vezes distantes, inseridos dentro de fluxos comunicacionais através das mídias digitais.

Nesse movimento, penso que o conceito de multilocalidade e multivocalidade pode ser extremamente frutífero para se pensar interações virtuais em comunidades online. O grupo "Tarólogos & Cartomantes, Tiragens, Pitacos e Consultas" pode ser pensado como um lugar em si mesmo, ao mesmo tempo em que tenciona narrativas de pessoas multilocalizadas, no qual é o locus propriamente da fronteira que emerge a partir da porosidade entre o mundo virtual e o físico, perceptível no discurso dos interlocutores da pesquisa. Os agentes, assim, transitam de modo a incorporar práticas e elementos da performance oracular discutidos nos grupos no contexto das suas práticas profissionais fora do âmbito virtual. Nesse aspecto, o próprio meio virtual é pensado como um local em diálogo com outros locais.

Há, portanto, uma ruptura com o fundamento de comunidade da etnografia realista que embasa a centralidade do lugar na sua análise. O conceito de comunidade, enquanto um sistema de compartilhamento de valores, formador de uma identidade comum e, portanto, constitutivo de uma cultura compartilhada, pautou-se na localidade de modo a definir uma referência básica que orientasse a etnografia. Entretanto, ao se debruçar sobre a comunidade online em questão "Tarólogos e Cartomantes, Tiragens, Pitacos e Consultas", é possível observar que o senso de solidez e homogeneidade ligados à noção de comunidade fundamentada em um local específico se vê fragilizada pelo processo contemporâneo no qual a produção localizada das identidades - no caso, enquanto tarólogo/cartomante - não é pautada em uma atividade observável concentrada em uma localidade específica, mas se produz de maneira multisituada.

Apreender a rede de relações constituída no contexto de comunidades online demanda seguir os fios e os nós que constituem sua organização. Nesse contexto, os fluxos sociais de interação não podem ser localizados a partir de um centro a partir do qual emanam todas as informações, uma vez que os fios que ligam as pessoas podem ser ampliados para diversos caminhos, direções e sentidos. A rede abriga e é construída pela presença de várias lógicas,

que estão sendo praticadas em uma espacialidade múltipla, mas que se encontram em um espaço virtual e que agem no sentido de se coproduzirem e se influenciarem.

O grupo "Tarólogos e Cartomantes, Tiragens, Pitacos e Consultas" pode ser entendido, portanto, como uma rede constituída por um emaranhado de fios multilocalizados que possibilita ao etnográfo seguir por diversas direções, contatando diversos espaços. É propriamente um *locus* fronteiriço que abriga e se forma a partir da consonância de várias lógicas, vários modos de saber-fazer mágico-religiosos, que se encontram em um espaço virtual e se transformam a partir da formação de redes de diálogo e de troca de conhecimento.

Esse aspecto multilocalizado dos grupos virtuais se complementa a outra dimensão que a constitui, que é a multivocalidade. Seguir esses emaranhados de fios abriu margem para abrigar, no contexto da pesquisa, várias vozes e trajetórias de vida, de modo a apreender a diversidade de modos de fazer e modos de saber ligados às práticas mágico-religiosas relativas à cartomancia. Tratando-se de uma pesquisa voltada para a análise, descrição e reflexão em torno de práticas mágico-religiosas (especificamente a cartomancia, no caso) no qual é possível observar um forte caráter criativo ancorado nas trajetórias biográficas dos seus membros como fundantes de um saber-fazer próprio, a multivocalidade pode ser entendida como uma conceito norteador para se perseguir essa diversidade muito própria do campo, como buscarei defender em seguida.

5.3 A abertura multivocal: modos de saber, modos de fazer nos contextos virtuais

A noção de multivocalidade pode ser entendida como um dos fundamentos da escrita etnográfica pós-moderna em contraposição à maneira como a etnografia modernista constrói, narrativamente, a concepção de sujeitos totalizantes nos seus relatos como se os atores falassem por uma cultura de maneira absoluta, pautadas em um "estar lá" que fundamenta a autoridade etnográfica. (CLIFFORD, 1994).

Através principalmente dos trabalhos de Malinowski, que age menos como um criador personalista do método de maneira personalista e inusitada, mas como um aglutinador uma série de perspectivas que se mostravam vigentes no seu momento histórico (Stocking, 1992) é possível perceber o desenvolvimento e consolidação da autoridade etnográfica, pautada na observação participante, como legitimadora do papel do pesquisador de campo enquanto um produtor de verdades em torno da alteridade. O método da observação participante tal qual desenvolvido pelo antropólogo inglês postula que o pesquisador deve estar imbuído de um conhecimento privilegiado, que os próprios nativos não detêm, fruto de

um treinamento acadêmico e de uma experiência de campo intensa e extensa. Este conhecimento privilegiado permite ao pesquisador desenvolver interpretações acuradas das realidades sociais estudadas. A noção de autoridade etnográfica (CLIFFORD, 1994) se desenvolve como resposta à produção etnográfica até então vigente no sentido de se afastar narrativamente desses escritos - centrados nas figuras dos viajantes e missionários - de tal modo que foi responsável por contribuir com a validação científica da observação participante.

Ao denunciar os efeitos políticos de uma descrição totalizante dos sujeitos contatados no fazer etnográfico, as correntes entendidas como pós-modernas no campo da etnografia passaram a se voltar para uma análise autorreflexiva em torno dos efeitos políticos das suas descrições.

No caso específico da inserção em contextos de etnografia virtual, a própria lógica de funcionamento do grupo nas redes virtuais parece favorecer a apreensão da multivocalidade nos fluxos por meio do qual se dão as interações nesse espaço. Como parte de uma dinâmica organizacional do grupo, as interações a partir da proposição de tópicos e a busca por opiniões distintas, permite que, no exercício descritivo, múltiplas facetas em torno de um mesmo assunto possam ser analisadas.

Não obstante esse aspecto organizacional colocado pela dinâmica de funcionamento das redes sociais, penso que um ponto mais interessante de ser ressaltado é que a multivocalidade, enquanto um princípio de produção de conhecimento acadêmico, pode ser colocada sob o escrutínio dos regimes de saber que constituem a cartomancia e outras práticas macumbeiras no Brasil, no que tange à noção de encruzilhada como um princípio epistemológico que constitui o saber-fazer mágico-religioso.

Os “pitacos” são os posts que mais movimentam interações no dia-a-dia do grupo. Comumente associada à concepção de um conselho não solicitado, os pitacos possuem um sentido singular no âmbito do grupo de Tarólogos e Cartomantes. Podem ser entendidos como postagens feitas por membros que buscam compartilhar a interpretação que fazem da tiragem das cartas no seu exercício profissional, no sentido de confirmar ou não aquilo que leram ou de ampliar a miríade de interpretações possíveis da leitura, adensando o seu significado. Emana daí um tipo de verdade oracular construída a partir do entrecruzamento de diversas perspectivas que não se finda em um regime de verdade fechado, acabado. Pelo contrário, o que se busca é o seu caráter polifônico, sempre inacabado, aberto para a multiplicidade. Vejamos como esse regime de verdade se produz etnograficamente, através da exemplificação de um “pitaco” retirado do grupo:



Figura 5 - Post de "pitaco" sobre leitura de Baralho Cigano.
Fonte: "Tarólogos e Cartomantes, Tiragens, Pitacos e Consultas", Facebook, 2021.

O diálogo engendrado pode ser utilizado como exemplificação de como a noção de verdade que figura ao se tratar das interpretações oraculares não opera segundo uma ideia de verdade fechada. A multivocalidade atua no contexto em questão produzindo uma interpretação oracular que se adensa e não se esgota em um sentido único. Pelo contrário, é no cruzamento entre essas diversas interpretações que é possível construir um certo tipo de densidade multivocal, polifônica e dialógica em relação aos significados dentro dos pitacos digitalmente.

A metáfora dos caminhos, nesse contexto, é uma maneira recorrentemente utilizada por cartomantes para expressar os resultados colocados pelos oráculos nas leituras. Entende-se que os cartomantes devem orientar a situação para que o consulente tome um direcionamento melhor, a fim de que as coisas possam fluir na vida dele, para prosseguir adiante nos seus caminhos. Fortemente presente no vocabulário macumbeiro no Brasil, a metáfora dos caminhos e das encruzas aponta para Exu como um duplo entidade-princípio balizador de uma série de práticas de encantaria: ebós, transes, oráculos, rodas de gira, etc.

Autores como Rufino & Simas (2018) têm trazido para o debate acadêmico conceitos próprios de práticas de saber que, por muito tempo, foram mantidas sob a condição de demonizadas ou de animistas-fetichistas. É o caso, por exemplo, da proposição de uma epistemologia das macumbas enquanto uma rasura na ciência ocidental moderna. A proposição de uma ciência encantada das macumbas (Rufino & Simas, 2018, p.9) se operacionaliza a partir de fundamentos provindos dos terreiros enquanto princípios

epistemológicos de constituição de práticas de saber. Não se trata, portanto, de um recurso literário, mas sim um fundamento construtivo, norteador de práticas.

O processo de constituição das ciências modernas pode ser retomado a partir de Descartes, no século XVII, no qual o *cogito cartesiano*, presente na sua obra "Discurso sobre o Método" (2009) é fundante de um paradigma moderno, no que tange à produção do saber científico. A partir do *cogito* é inaugurada uma cisão fundante entre o sujeito do conhecimento e o mundo no qual ele se insere que busca ser disposta a partir do método da dúvida como fonte de conhecimento do mundo. O saber científico, nesse aspecto, busca produzir leis gerais e universais, no qual a categoria de "real" emerge como uma instância que independe de quem o produz.

Sob diversos enfoques, a pretensão de neutralidade e o corte que separa os conhecimentos exatos e os exercícios de poder, digamos a natureza e a cultura (LATOUR, 1994, p.11) têm sido questionados. Tem se dado pela ressonância de discursos de corpos que, estando historicamente localizados à margem das instituições de produção de saber hegemônicos, buscam questionar e expor o papel que as ideologias de dominação desempenham na constituição das relações sociais, inclusive no que se refere à produção científica. O próprio saber científico, assim, para além da sua pressuposta objetividade absoluta e reivindicação a-política se vê defrontado como sendo constituído também por determinantes históricos e sociais que constituem suas práticas performativas e discursivas.

Dessa forma, ao pensar na possibilidade de uma ciência encantada das macumbas, os autores buscam produzir um debate político e ontológico no campo das existências ao se refletir de que maneira os princípios fundantes das práticas macumbeiras podem agir no sentido de repensar os modelos de ciência vigente. Em contraposição ao caráter hermético e fechado da ciência moderna, o conceito de encruzilhada valoriza os caminhos presentes nos regimes de conhecimento macumbeiros enquanto possibilidades, pautando-se na imprevisibilidade e no inacabamento. Não se trata, portanto, de uma negação de saberes canônicos e sua substituição pelos ditos saberes subalternizados, mas de um atravessamento entre esses regimes de saberes, mais propriamente um cruzo entre eles, a partir da proposição de uma "contaminação" que subverte as pretensões de um conhecimento científico hermético, à parte de questões sociais. Segundo Simas & Rufino:

> "O conceito de amarração proveniente das sabedorias dos velhos cumbas nos dá base para pensar a macumba tanto no que tange ao seu sentido etimológico, quanto à natureza da sua presença (ontologia) e às suas produções de conhecimento (epistemologia). Amarração é o efeito de, através

> das mais diferentes formas de textualidade, enunciar múltiplos entenderes em um único dizer. Assim, a amarração jamais será normatizada, porque é inapreensível. Mesmo que o enigma lançado seja desamarrado, esse feito só é possível através do lançamento de um novo enigma, uma nova amarração. Ou seja, o seu desate é sempre provisório e parcial, uma vez que a leitura que o desvenda pode vir a ser apenas parte da construção do enigma e só é possível a partir de um novo verso enigmático que se adicione ao elaborado anteriormente. Neste sentido, a noção de amarração, assim como a macumba, compreende-se como um fenômeno polifônico, ambivalente e inacabado" (SIMAS & RUFINO, 2018,p.14)

A noção de multivocalidade surge na antropologia como uma crítica à escrita etnográfica modernista e seu aspecto positivista. Ao se assentar enquanto um princípio teórico-metodológico norteador da construção do conhecimento antropológico contemporâneo, a multivocalidade enquanto procedimento pode ser encruzilhada com outras epistemologias vigentes em práticas mágico-religiosas no contexto brasileiro, de tal forma a produzir categorias de análise interessantes no contexto da produção acadêmico-científica.

Esse empreendimento se encontra em consonância com um movimento contemporâneo, no qual modos de discurso distintos são colocados sob o escrutínio de conceitos nativos averiguados em campo (STRATHERN, 2011). No caso em questão, práticas teórico-metodológicas acadêmicas relativas à escrita etnográfica pós-moderna no que tange ao conceito de multivocalidade podem ser postas em diálogo a partir do contexto etnográfico que tive contato. Nesse cenário, os caminhos e as encruzilhadas são pensados como categorias que balizam a construção de um saber-fazer ligado à execução dos trabalhos adivinhatórios, no que tange ao aprendizado e transmissão de um saber mágico-religioso no cenário virtual.

Os procedimentos de construção do saber observados em campo, ao se pautar em uma lógica de cruzo, produz um tipo de regime discursivo em torno da verdade oracular construída a partir da encruzilhada de diversas perspectivas, que não podem ser tomadas a partir de uma noção de verdade fechada, acabada. Pelo contrário, o que se busca é a amarração a partir do cruzo, de modo a produzir um regime de saber caracterizado pelo caráter polirracional, pluriversal e plurilinguísta.

Conclusão

Em um mundo transformado pelas possibilidades técnicas colocadas pela inserção no virtual, tanto o espaço acadêmico, quanto o espaço ocupado pelos nossos interlocutores de pesquisa se viu obrigado a repensar suas formas de se pensar e se produzir. Busquei dar

ensejo a essas transformações a partir da ideia de *efeito digital*, entendendo a inserção em comunidades online como um ponto de inflexão, representada por uma dupla transformação no tocante às práticas epistemológicas que transformam os procedimentos de conhecer em uma etnografia pelos antropólogos e os modos de aprender ligados às práticas oraculares no contexto digital pelos cartomantes.

As noções de multilocalidade e multivocalidade são tomadas por mim como balizadoras deste processo em ambos os casos. Por parte do antropólogo, o efeito digital pode ser entendido como uma abertura para a multilocalidade e multivocalidade como princípios balizadores da pesquisa no ambiente digital, uma vez que o grupo "Tarólogos & Cartomantes, Tiragens, Pitacos e Consultas" pode ser pensado como um lugar em si mesmo, ao mesmo tempo em que tenciona narrativas de pessoas multilocalizadas globalmente. Os agentes, assim, transitam de modo a incorporar práticas e elementos da performance oracular discutidos nos grupos no contexto das suas práticas profissionais fora do âmbito virtual. Entretanto, ao se debruçar sobre a comunidade online em questão "Tarólogos e Cartomantes, Tiragens, Pitacos e Consultas", é possível observar que o senso de solidez e homogeneidade ligados à noção de comunidade fundamentada em um local específico se vê fragilizada pelo processo contemporâneo no qual a produção localizada das identidades - no caso, enquanto tarólogo/cartomante - não é pautada em uma atividade observável concentrada em uma localidade específica, mas se produz de maneira multisituada.

Apreender a rede de relações constituída no contexto de comunidades online demanda seguir os fios e os nós que constituem sua organização. Nesse contexto, os fluxos sociais de interação não podem ser localizados a partir de um centro a partir do qual emanam todas as informações, uma vez que os fios que ligam as pessoas podem ser ampliados para diversos caminhos, direções e sentidos. A rede abriga e é construída pela presença de várias lógicas, que estão sendo praticadas em uma espacialidade múltipla, mas que se encontram em um espaço virtual e que agem no sentido de se coproduzirem e se influenciarem.

O grupo "Tarólogos e Cartomantes, Tiragens, Pitacos e Consultas" pode ser entendido, portanto, como uma rede constituída por um emaranhado de fios multilocalizados que possibilita ao etnográfo seguir por diversas direções, contatando diversos espaços. É propriamente um *locus* fronteiriço que abriga e se forma a partir da consonância de várias lógicas, vários modos de saber-fazer mágico-religiosos, que se encontram em um espaço virtual e se transformam a partir da formação de redes de diálogo e de troca de conhecimento.

Da mesma maneira, a inserção dentro do ambiente virtual parece não apenas facilitar a apreensão da multivocalidade, mas coloca esta como um fundamento das próprias práticas

de construção do saber no contexto da cartomancia. A partir dos “pitacos”, pude observar que a noção de verdade que figura ao se tratar das interpretações oraculares não opera segundo uma ideia de verdade fechada. A multivocalidade atua no contexto em questão produzindo uma interpretação oracular que se adensa e não se esgota em um sentido único. Pelo contrário, é no cruzamento entre essas diversas interpretações que é possível construir um certo tipo de densidade multivocal, polifônica e dialógica em relação aos significados dentro dos pitacos digitalmente. Isso significa dizer que as próprias práticas mágicas se transformam no que tange às suas dinâmicas de operacionalização na medida em que tencionadas pelo efeito digital, as quais esse artigo representou um ponto inicial de reflexão acerca desse fenômeno.

Referências Bibliográficas:

APPADURAI, Arjun. Introduction: Place and Voice in Anthropological Theory. Cultural Anthropology. p. 16-20. 1988

BURRELL, Jenna. The field site as a network: a strategy for locating ethnographic research. Field Methods. Vol 21, Issue 2, pp. 181-199, 2009.

CHAVES, Kelson Gérison Oliveira. Os trabalhos de amor e outras mandingas: a experiência mágico-religiosa em terreiros de Umbanda. Fortaleza. Premius, 2011

CLIFFORD, James. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Editora UFRJ, 1994.

DESCARTES, R. Discurso do Método. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2009. 128p

KOZINETS, R. V. Netnography: Doing Ethnographic Research Online. London, Sage, 2010

LATOUR, Bruno. Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MILLER, D. & HORST, H. The digital and the human: a prospectus for digital anthropology. In Digital Anthropology (eds) H. Horst & D. Miller, 3-36. Oxford: Berg. 2012

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas. Mórula editorial, 2018.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STRATHERN, M. Entre uma melanesianista e uma feminista. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 8/9, p. 7–49, 2011.